

O ESPÍRITO SANTO NAS FONTES PATRÍSTICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O Espírito Santo nas fontes patrísticas / edição preparada por Guillermo Pons ; tradução de Rodrigo Pires Vilela da Silva. - São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Temas Patrísticos)

ISBN 978-85-349-6626-9

Título original: El Espíritu Santo en los Padres de la Iglesia

1. Teologia cristã 2. Espírito Santo - Doutrina cristã primitiva 3. Padres da Igreja – Espírito Santo I. Pons, Guillermo II. Silva, Rodrigo Pires Vilela III. Série

26-1754

CDD 231.3

Índice para catálogo sistemático:

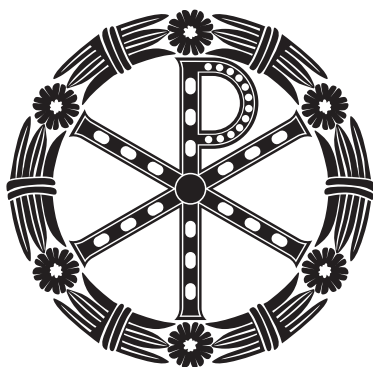
1. Teologia cristã

Coleção TEMAS PATRÍSTICOS

Autoria: Guillermo Pons

- *A Eucaristia nas fontes patrísticas*
- *Jesus Cristo nas fontes patrísticas*
- *Maria nas fontes patrísticas*
- *O Espírito Santo nas fontes patrísticas*
- *A Trindade nas fontes patrísticas*
- *Deus Pai nas fontes patrísticas*
- *Os anjos nas fontes patrísticas*
- *A vida eterna nas fontes patrísticas*
- *Sede de Deus e oração nas fontes patrísticas*, Carlo Pertusati

O ESPÍRITO SANTO NAS FONTES PATRÍSTICAS



Edição preparada por
Guillermo Pons

Tradução de
Rodrigo Pires Vilela da Silva



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *El Espíritu Santo en los Padres de la Iglesia*

© 1998, Editorial Ciudad Nueva

José Picón 28 - 28028 Madrid

www.ciudadnueva.es

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigebber

Revisão

Tiago José Risi Leme, André Odashima,

Tarsila Doná

Design

Victoria Cristina Eduardo

Imagens

iStock

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televentas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6626-9

SIGLAS E ABREVIATURAS

Anthol.	<i>Anthologuion</i> (Rito bizantino), 4 vols., Roma 1967ss.
BAC	<i>Biblioteca de Autores Cristianos</i> , Madrid 1944ss.
BPa	<i>Biblioteca de Patrística</i> , Ciudad Nueva, Madrid 1986ss.
CCG	<i>Corpus Christianorum, series graeca</i> , Turnhout 1977ss.
CCL	<i>Corpus Christianorum, series latina</i> , Turnhout 1953ss.
CMP	<i>Corpus Marianum Patristicum</i> , S. ÁLVAREZ CAMPOS, Ediciones Aldecoa, 8 vols., Burgos 1970-1985.
CSCO	<i>Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium</i> , Paris/Louvain 1903ss.
CSEL	<i>Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum</i> , Viena 1866ss.
FPa	<i>Fuentes Patrísticas</i> , Ciudad Nueva, Madrid 1991ss.
PatrPaulus	<i>Coleção Patrística</i> , São Paulo: Paulus, 1995ss.
PG	MIGNE, <i>Patrologia, series graeca</i> , 161 vols., Paris 1875ss.

- PL *MIGNE, Patrologia, series latina*, 221 vols., Paris 1848ss.
- PLS *Patrologiae Latinae Supplementum*, ed. A. HAMMAN, Paris 1957-1971.
- PO *Patrologia Orientalis*, ed. R. GRAFFIN, Paris 1903ss.
- PS *Patrologia Syriaca*, ed. R. GRAFFIN, Paris 1894-1926.
- SC *Sources Chrétiennes*, Paris 1941ss.
- TMPM *Testi Mariani del Primo Millennio*, AA.VV., Città Nuova, Roma 1988-1991.

INTRODUÇÃO

O dom de Deus

Jesus, no sermão da ceia, disse aos seus discípulos: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos; e eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, para que esteja convosco para sempre” (Jo 14,15-16). A comunhão com Cristo levou os discípulos ao conhecimento da pessoa divina do Espírito Santo, dom de Deus e dom que é Deus. No mesmo discurso de despedida, Jesus fala do Paráclito usando repetidas vezes o pronome pessoal “ele”. A vida da Igreja de Cristo sempre esteve configurada pela presença contínua e misteriosa do Espírito Santo.

“Deus é Amor” (1Jo 4,8) e, no amor de Deus, encontram-se encerrados todos os dons distribuídos aos homens. O amor é hálito de vida para os filhos da Igreja, congregados na unidade pelo amor de Cristo mediante a atuação do Espírito: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado” (Rm 5,5). João Paulo II, em sua encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja, plena de intensa espiritualidade, manifesta a profundidade do mistério divino do amor:

Deus, em sua vida íntima, “é amor” (cf. 1Jo 4,8.16), amor essencial, comum às três Pessoas divinas. O Espírito Santo é amor pessoal enquanto Espírito do Pai e do Filho. Por isso,

“perscruta até as profundezas de Deus” (1Cor 2,10), como Amor-dom incriado. Pode-se dizer que, no Espírito Santo, a vida íntima do Deus uno e trino se faz inteiramente dom, intercâmbio do amor recíproco entre as Pessoas divinas, e que, pelo Espírito Santo, Deus “existe” como dom. O Espírito Santo é, pois, a “expressão pessoal” dessa doação, desse ser-amor. É Pessoa-amor. É Pessoa-dom. Aqui se encontra uma riqueza insondável da realidade divina e um aprofundamento inefável do conceito de pessoa em Deus, que somente conhecemos pela revelação.

Dominum et Vivificantem, 10

O papa acrescenta ainda que o Espírito Santo é como a fonte de onde brotam os dons que recebemos do Criador:

Ao mesmo tempo, o Espírito Santo, consubstancial ao Pai e ao Filho na divindade, é amor e dom (incriado), do qual deriva, como de uma fonte (*fons vivus*), toda dádiva às criaturas (dom criado): o dom da existência a todas as coisas mediante a criação; o dom da graça aos homens por meio de toda a economia da salvação.

Ibid.

O mundo não o vê nem o conhece

Nos escritos joaninos e paulinos, o termo “mundo” frequentemente adquire um sentido moral, referindo-se ao âmbito onde o pecado penetrou e que, por consequência, tornou-se objeto de condenação, império do diabo e sede da

infidelidade a Deus. É nesse sentido que se diz que “o mundo inteiro jaz sob o poder do Maligno” (1Jo 5,19). Referindo-se a esse reino que resiste à obra da salvação, Jesus afirma que o mundo não receberá o Espírito da verdade, porque “não o vê nem o conhece” (Jo 14,17).

Há, de fato, um fechamento e uma incapacidade radical do “mundo”, nesse sentido, em relação à ação do Espírito. O mundo não quer reconhecer nem valorar seus dons, nem trilhar os caminhos do Senhor: “Vós sempre resististes ao Espírito Santo”, disse Santo Estêvão àqueles que rejeitavam a fé em Cristo por serem “duros de cerviz e incircuncisos de coração e ouvidos” (At 7,51).

A esse tipo de pessoas dirigem-se as terríveis palavras de Cristo: “Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada” (Mt 12,31). Essa blasfêmia não consiste em insultos verbais, mas na rejeição da salvação oferecida ao homem pela graça do Espírito Santo. Tal pecado torna-se irremissível porque implica recusar o que nos traz a salvação: o sangue redentor de Cristo, que purifica nossa consciência das obras mortas (cf. *Dominum et Vivificantem*, 46).

Segundo João Paulo II, a blasfêmia contra o Espírito procede do “mistério da iniquidade”, daquele poder que denomina de “antiverbo” – o falseamento da verdade sobre o homem, decorrente do falseamento da verdade sobre Deus, operado pelo espírito das trevas, capaz de “apresentar Deus como inimigo da própria criatura e, acima de tudo, como inimigo do homem” (*Ibid.*, 38).

Contra essa terrível obscuridade, não há outro remédio senão a ação do Espírito Santo, sobre o qual Cristo disse: “Quando ele vier, convencerá o mundo a respeito do pecado, no que se refere à justiça e no que se refere ao juízo” (Jo 16,8).

Somente pela graça somos capazes de resistir ao Maligno. Santo Agostinho afirma que o Espírito Santo “nos infunde a caridade, que nos fará arder por Deus e desprezar o mundo; queimará o nosso feno e purificará o nosso coração como se fosse ouro” (*Sermão* 227). Pela ação do Paráclito, somos libertados da escravidão do pecado e do domínio da morte, “pois a inclinação da carne é morte; mas a do espírito, vida e paz” (Rm 8,6).

Vós o conheceis

São muito consoladoras as palavras dirigidas por Jesus aos discípulos após afirmar que o “mundo” não reconhece o Espírito. Diz a eles: “Vós o conheceis, porque ele mora convosco e está em vós” (Jo 14,17). A inabitação do Espírito no coração humano produz abundantes frutos e nos faz viver na alegria íntima da filiação divina: “Os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14).

Assim, recebendo “graça sobre graça” (Jo 1,16), os filhos por adoção, sob a guia do Espírito, caminham por senda ascendente de fidelidade e entrega, que os conduz ao alto do monte de Deus, “monte rico e fértil” (cf. Sl 68,16), onde florescem a santidade e a justiça.

O coro dos santos que, como o rumor de águas abundantes, “alegra a cidade de Deus” (Sl 46,5) torna-se manifestação luminosa da ação do Espírito, que incessantemente renova

a face da terra (cf. Sl 104,30). A vida e o exemplo dos santos oferecem eloquente testemunho da obra santificadora do Espírito Santo.

Para levar uma vida espiritual autêntica, é necessário invocar o Espírito Consolador e criar no interior uma disposição que permita ouvir as vozes do “doce hóspede da alma”, mantendo aceso, pela oração, o fogo do coração. Santo Agostinho indica com precisão: “Porque se multiplicou a iniquidade, esfriou a caridade de muitos. O frio da caridade é o silêncio do coração; e o fogo do amor é o clamor do coração” (*Comentário aos Salmos* 37,14 [PatrPaulus 9/1, 2005, 590]).

Ele dará testemunho de mim

Somos discípulos de Cristo, que nos libertou do pecado, chamou-nos a segui-lo e nos encarregou de testemunhá-lo: “Vós sereis minhas testemunhas” (At 1,8). A eficácia desse testemunho está profundamente ligada ao testemunho que o Espírito dá de Jesus: “Ele dará testemunho de mim; e vós também dareis testemunho, pois estais comigo desde o princípio” (Jo 15,26-27).

Esse anúncio se cumpre em Pentecostes, início do “tempo da Igreja”, tempo de testemunhar e de guardar fidelidade ao Cristo, por parte de seus discípulos. Naquele momento, o Espírito age de modo singular, como descreve João Paulo II na encíclica mencionada:

A era da Igreja começou com a “vinda”, isto é, a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos no Cenáculo, junto com Maria, a Mãe do Senhor. Essa era começou no momento

em que *as promessas e as profecias* que se referiam explicitamente ao Parâclito, o Espírito da verdade, começaram a se verificar com toda a sua força e evidência sobre os apóstolos, determinando assim o nascimento da Igreja. Disso falam amplamente e em muitas passagens os Atos dos Apóstolos, dos quais resulta que, segundo a consciência da primeira comunidade – cujas convicções Lucas expressa –, o Espírito Santo assumiu a guia invisível – mas de certo modo “perceptível” – daqueles que, após a partida do Senhor Jesus, sentiam profundamente que haviam ficado órfãos. Com a vinda do Espírito, sentiram-se capazes de cumprir a missão que lhes havia sido confiada. Sentiram-se cheios de fortaleza. É exatamente isso que o Espírito Santo realizou neles e continua a realizar na Igreja.

Dominum et Vivificantem, 25

O testemunho cristão por excelência é o martírio. Uma multidão de testemunhas, “vestidas de túnicas brancas e com palmas nas mãos” (Ap 7,9), aparece diante do Cordeiro. O Espírito as fortaleceu e cumpriu a promessa de Cristo: “Não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai falará em vós” (Mt 10,20).

São Cipriano, escrevendo aos confessores da fé presos e às portas do martírio, dizia:

Feliz cárcere dignificado pela vossa presença! Feliz cárcere que transporta ao céu os homens de Deus! Ó trevas mais resplandescentes que o sol e mais brilhantes que a luz deste mundo, onde agora foram edificadas os templos de Deus e foram santificados os vossos membros pela confissão do

nome do Senhor! Que nenhuma outra coisa ocupe agora vossos corações, senão os mandamentos celestes com que o Espírito Santo sempre nos anima a sofrer o martírio.

Cartas 6, 1-2 [PatrPaulus 35/2, 2020, 43-44]

O Espírito que dá testemunho de Cristo dá testemunho também dos que seguem o Cordeiro: “Felizes os mortos que morrem no Senhor. Sim”, diz o Espírito, “descansem dos seus trabalhos, pois suas obras os acompanham” (Ap 14,13).

Doador de vida

Jesus diz a Nicodemos: “O que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é espírito” (Jo 3,6). E no templo, durante a festa dos Tabernáculos, proclama a promessa da água viva: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7,37). O evangelista explica que Jesus “dizia isso referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado” (Jo 7,39).

Estamos diante da revelação do Espírito Santo como “doador de vida”, como professamos no símbolo niceno-constantinopolitano. A ação vivificadora do Espírito está presente tanto no mistério da encarnação quanto na consumação da obra redentora pela morte e ressurreição de Cristo.

As manifestações e promessas de Jesus acerca da *água viva* – tanto junto ao poço de Jacó (cf. Jo 4,7ss.) como no templo de Jerusalém – bem como os oráculos de Ezequiel que falam de uma água que purificará o povo nos tempos messiânicos e da efusão de um Espírito novo (cf. Ez 36,25ss.) guardam uma estreita relação com a *vinda* do Espírito Santo,